

ANGEL = EXPERIÊNCIA = ARTE = EDUCADORA = VIDA

Tarcísio Moreira Mendes

RESUMO

Este artigo foi adaptado a partir do terceiro capítulo da monografia *Do artista ao educador e artista OU Do artista na sala e do educador no palco OU Sobre uma vivência da arte* (2011), apresentado a FAV, no curso de Pós-Graduação em Teatro e Dança na Educação. Este pensamento, surgido da diferença, foi construído investindo na indissociável relação entre arte, educação, vida e obra em Angel Vianna, naquilo que Jorge Larrosa chama “sujeito da experiência”, aquele capaz de deixar-se provocar pela vida e assim criar vida outra. Contribuem para este pensamento de relação também outros artistas consagrados pela história do Teatro e da Dança, como Augusto Boal e Rudolf Von Laban. Desde a fuga dessa mulher de Belo Horizonte – MG e seu casamento com Klauss Vianna, o Teatro, a Dança e o ensino de arte no Brasil nunca mais seriam os mesmos. Mas que é: sistema, método ou técnica? Não. Mais que isto. É vida Angel Vianna.

Palavras chaves: Experiência. Educação. Vida.

Para iniciar este pensamento¹, transcrevo trecho da carta de Angel Vianna endereçada a seu pai, compilada do livro *Angel Vianna – Sistema, método ou técnica?* de Suzana Saldanha, por Affonso Romano de Sant’Anna, em texto *Angel*, dedicado à amiga, no caderno *Cultura* de “O Estado de Minas”, em 2 de maio de 2010.

‘Meu pai, quero lhe dizer que às vezes você pensa que necessito casar. Não é verdade, porque só me casarei se eu encontrar uma pessoa que me entenda, me compreenda. Não é o casamento que me interessa, e sim com quem vou viver.

E eu quero lhe dizer que já o encontrei!

Sei que não é do seu agrado que eu case com ele. Mas, meu pai, você precisa me compreender e entender. Eu não poderia me casar com qualquer pessoa. Tinha que ser ele... Klauss. Ele me entende, me gosta e gostamos da mesma profissão.

Agora eu vou lhe dizer uma coisa: se for feliz com ele, voltarei sempre na sua casa; se eu não for feliz, você nunca mais vai me ver.

Portanto, meu pai, pense seriamente, nesses 11 mil pés de altitude, o que você vai me responder’.

O pai leu aquilo meio perplexo e comentou com a outra filha: ‘Sua irmã é muito estranha’.

O texto de Sant’Anna é curto – no entanto, longo para ser exposto aqui – delicado e realmente uma homenagem, expõe também algumas dificuldades que o casal enfrentou, como por exemplo, a falta de dinheiro e empréstimos tomados aos próprios empregados. A transcrição da carta deixa ver, entre linhas, a relação tênue ou, a insolúvel relação entre arte e vida para Angel Vianna². Casou-se por amor a arte ou ao homem? Desafiou a autoridade de seu pai por sua profissão ou por sua vida pessoal? Escolheu o homem porque havia encontrado um parceiro na dança ou na vida? Escolheu por tudo. Pela completude.

Quando nos anos 50, Angel abandona Belo Horizonte para viver com o não tão promissor homem: Klauss Vianna³, bailarino – que pensar, naquela época, de um bailarino? – havia iniciado a germinação da dança moderna no Brasil e, sobretudo, em Minas Gerais. Não podemos falar que fundou a dança moderna em terras tupiniquins, porque sua vida ainda continua e, seu trabalho ainda transforma aquela semente lançada e por isso, seu próprio surgimento.

O que Angel diria de si mesma, dentro do avião, sobre o futuro da dança no Brasil, sobre o seu futuro? Não disse nada. Apenas vive. Ela é, a própria, o exemplo do “sujeito da experiência” de Larrosa. Está disposta a se por em perigo, sair do conforto das ações premeditadas e expectativas a serem alcançadas. Vê na vida possibilidades. Potencialidades reorganizadas sempre. “Vamos agora ao sujeito da experiência. Esse sujeito não é o sujeito da informação, da opinião, do trabalho, que não é o sujeito do saber, do julgar, do fazer, do poder, do querer.” (LARROSA, 2002,

p. 24). Suas ações não se definem por uma vontade, uma atividade inconseqüente e/ou pueril. Angel não se comporta como uma super-heroína, destemida, que enfrenta a morte para viver, que se lança a precipícios, para trens (isso em Minas tem outro significado). Ela enfrenta a vida para viver. Como uma sobrevivente, como uma vivente de suas próprias ações. Não separou vida da arte ou, percebeu na prática, que isto é impossível, deixa-se atravessar por suas decisões, reflete sobre as potencialidades do futuro, mas não paralisa a ação com medo. A arte de Angel Vianna é sua própria vida, que a casou, lhe deu filho, prêmios e ao seu sabor, os levou.

A gente quer ter voz ativa
No nosso destino mandar
Mas eis que chega a roda viva
E carrega o destino prá lá ...

Roda mundo, roda gigante
Roda moinho, roda pião
O tempo rodou num instante
Nas voltas do meu coração... ⁴

É a roda viva que trouxe para cá, levou para lá e continua a nos levar. É sujeita – feminino de sujeito, homenagem àquela que não pode ser chamada sujeitO, pois é fruto de sua feminilidade – e por isso, ao mesmo tempo, passível de sofrer uma ação não controlável, de se sujeitar. Sobre a ação do sujeito da experiência, LARROSA (2002, p.24) diz:

Em qualquer caso, seja como território de passagem, seja como lugar de chegada ou como espaço do acontecer, o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura. Trata-se, porém, de uma passividade anterior à oposição entre ativo e passivo, de uma passividade feita de paixão, de padecimento, de paciência, de atenção, como uma receptividade primeira, como uma disponibilidade fundamental, como uma abertura essencial.

Angel está aberta a ação da vida. Aos movimentos que a vida provoca.

Dizer sobre Angel Vianna sem falar de Klauss é impossível. Dizer sobre a dança no Brasil sem dizer sobre Angel Vianna é impossível. Dizer sobre Vianna e não dizer sobre o casal, sobre o casamento perfeito em criatividade – com todas as imperfeições, correções, desafios, perdas que a vida impõe – é impossível. Seria fragmentar, o desejo delirante de nós, pós-modernos ignorantes, a vida. A minha

vida. Transformada por essa união ocorrida no século passado que me atravessa como artista, educador, humano.

Dizer sobre o trabalho de Angel Vianna e buscar uma metodologia, sistema ou pedagogia pode levar a um erro perigoso. Como dissociar o trabalho de Grotowski, de Artaud, de Laban, ou Boal ⁵ de suas vidas? Todos esses grandes, hoje, teóricos, mas antes, vivos pesquisadores, buscaram com suas pesquisas uma nova existência na arte. Uma vida na arte ou uma arte na vida. Uma indistinta relação entre estas áreas.

A vida moderna, como observou Laban, propôs uma nova relação entre trabalho e vida ao homem: este que antes era camponês e estava acostumado a participar de todo o processo de produção, e pensar em todo o seu trabalho – desde a extração da matéria-prima, a transformação dela e disponibilização para o consumo – agora é aprisionado, condicionado a pensar restritamente em um aspecto da cadeia de produção. Tornou-se especialista. Inclusive, título relacionado a este trabalho que aqui exponho. Sobre a relação do homem com o trabalho, LABAN (1990, p.14) observa:

(o trabalhador da atualidade) Dedicar suas horas de ócio a prazeres inadequados, pois carecem daquela integração de exaltação mental e corporal que em épocas anteriores emanava do orgulho pela independência no trabalho organizado. Incidentalmente, o orgulho pelo trabalho encontrava sua expressão nas danças festivas.

Passamos a semana toda pensando no fim de semana. Esperamos. Aliamos o sentido de trabalho ao da obrigação não prazerosa. E o trabalho de educar que, na antiguidade, era tarefa de mestres que se dedicavam exclusivamente ao desenvolvimento de seus discípulos, como um ser integral, hoje, é entregue a especialistas que se fecham em suas áreas, ou no que, erroneamente, acham que são suas áreas.

Pensar educar é pensar ser educador, que terá que trabalhar, que vivenciar experiências com humanos, complexos e não previsíveis. Aprendizagem contínua, sempre processo. Tenho inúmeras experiências e relatos de profissionais da educação que se negam a entender seus alunos por não se julgarem psicólogos, pedagogos, médicos, administradores, professores de outra disciplina senão a sua. Ora, pensemos: qual o porquê de todo curso, ligado à educação e relação com alunos, está atravessado por disciplinas que discutem a política, psicologia,

administração escolar, as necessidades especiais? Por que será que leis e/ou documentos, como PNC's⁶, que legislam sobre educação pregam a transdisciplinabilidade dos conteúdos? Porque defendem a integralidade do ser. Porque estes documentos e cursos versam sobre o humano, ser complexo, constituído de relações, ilimitado e não padronizado. Que se inventa e, a cada nascimento, propõe o novo.

Esta dissociação, na qual o homem da era da informação⁷ vem se encerrando, torna-se algo esquizofrenicamente⁸ perigoso. Parafraseando Marina Colassanti⁹, eu sei, mas não devia, que a gente se acostuma a tudo. Acostumamos a péssima qualidade de infra-estrutura das escolas, aos alunos violentos e indisciplinados, a encarar a educação brasileira como algo sem solução e nossos alunos como seres perdidos. Como disse Marina “a gente se acostuma para não ralar na aspereza, para preservar a pele.” Achamo-nos irresponsáveis pelo lugar onde praticamos a educação, porque sabemos que mudar isso é difícil, mas não impossível. Negamo-nos a mudar nosso método de ensino, já que são apenas dois ou três alunos que não estão se desenvolvendo bem em nossas disciplinas. Errados são eles. Não nós. Não paramos nossas aulas para ouvir, observar, dialogar com nossos alunos, porque nos achamos donos do saber e da razão e os julgamos ignorantes e “rebeldes sem causa”. Não fazemos nada para mudar aquilo que achamos errado, temendo ter que dedicar um pouco mais do tempo, que já nos é pouco, a alguns outros poucos alunos, que poderiam não alcançar nossas expectativas. *A gente se acostuma para poupar a vida. Que aos poucos se gasta, e que de tanto se acostumar, se perde de si mesma*¹⁰. Tememos não sermos testemunhas do resultado de nossos esforços, tememos a frustração. Por isso, nos acostumamos a reclamar de tudo, a indicar a solução e não agir para a mudança. Acostumamos a sofrer nossa própria incapacidade de mudança. Li de Gandhi, “Nós temos que ser a mudança que queremos ver no mundo”. Temos que assumir nossa posição de sujeitos também da mudança, não apenas pensar sobre a mudança ou não desassociar o pensar da ação da mudança: “ação de teoria, ação de prática em relações de revezamento ou em rede” (DELEUZE, 2006, p. 266). Não devemos acreditar em modelos de sucesso, nem por a prova teorias e ou métodos eficazes de educação. Mas, o que serve e como nos servimos de determinada ação,

em determinado lugar. Abrir a novas experiências e afirmar nossa responsabilidade. E sobre a responsabilidade de ação, Boal nos chama atenção:

Nossa tomada de posição teórica e nossas ações concretas devem acontecer não porque sejamos artistas, mas porque somos cidadãos. Fôssemos veterinários, dentistas, pedreiros, filósofos, barbeiros, professores, jogadores de futebol ou lutadores de Judô – qualquer que seja nossa profissão – temos a obrigação cidadã de nos colocarmos ao lado dos humilhados e ofendidos. (BOAL, 2010, p. 29)

O desafio em ser educador e/ou artista para mim, hoje, é aliar todos os aspectos da vida. Ou melhor, perceber que a vida não é uma especialidade, mas uma complexa relação, múltipla, multidisciplinar. Somos educadores, médicos, agrônomos, faxineiras, atendentes, artistas, 24 (vinte e quatro) horas por dia. Talvez não na função. Mas tudo é resultado dessas experiências. O que nos acontece a qualquer hora do dia atravessa nossa vida profissional ou pessoal, nossa existência.

Ao falarmos sobre o trabalho de Angel Vianna, estaremos falando sobre a própria vida de Angel. O filósofo Gilles Deleuze¹¹, ao refletir sobre seu trabalho, propõe ao professor uma existência provocadora que permita aos seus alunos viverem sua solidão. Angel vive sua solidão, antes de nos provocar a viver a nossa. Mas não a solidão do pressuposto de sofrimento, de ser sozinho, a “solidão povoada”; a possibilidade de não estar preso a nada e a capacidade de se reorganizar sempre, criar novas relações, agenciamentos. Perceber nossa vida função não predeterminada e imutável, mas potencialidades de novas existências. É provocador rever vídeos como o *Movimento Expressivo*¹² ao lado de Angel, principalmente após ler a carta transcrita no início deste trabalho, após saber das sucessivas perdas – Klauss em 1992 e Rainer, filho do casal e herdeiro da arte, em 1995. Não consigo imaginar o que passa na mente, no corpo desta mulher ao se deparar, amiúde, em suas aulas, com a história da dança que é a sua própria história. O enigma da existência.

Para aprendermos com o trabalho de Angel, é mister que peguemos o primeiro avião em direção ao nosso grande amor, que desafie nossos parentescos, qualquer tradição artística enclausurante, qualquer forma ou forma e que não tenhamos temor do futuro. Deixemo-nos atravessar pelo nosso trabalho, que façamos o que acreditamos, que sejamos nós as primeiras cobaias de nossos experimentos, que tenhamos prazer no exercício de nosso trabalho, que façamos do

nosso trabalho nossa própria vida, que façamos de nossa vida nosso trabalho na arte.

Olhar para os trabalhos de Laban ou de Angel Vianna é olhar para suas vidas. É o seu trabalho permeado pelo prazer, pela dor, pela vivência. Não podemos “metodologizar”, “pedagogizar” ou sistematizar uma vida. Não se trata de um experimento, mas de uma experiência. Quem já esteve em alguma oficina, aula, espetáculo ou palestra de Angel Vianna, questiona-se sempre: que mais fascina, vida ou obra? Os dois. A relação entre estes aspectos.

Talvez a questão a ser formulada não seja qual o método, o sistema ou a pedagogia de Angel Vianna, mas, quem é Angel Vianna? Seu companheiro já havia dado a pista: “Ou seja: ninguém pode usar o método Klaus Vianna a não ser eu mesmo, porque todo esse método tem relação com minha própria vida, talentos e dificuldades.” (VIANNA, 1990, p.130)

Insistemizável. Uma vida não pode ser reduzida a fórmulas ou formas. Para saber quem é Angel é necessário conviver, ver, compartilhar uma experiência, por menor que seja o tempo de duração. Ver, cotidianamente, descer escadas, de costas, para trabalhar a posterior da coxa. Ouvir, temeroso, o pedido para ficar mais atento ao trabalho com o corpo. Ver, como depois de tantos anos, esse corpo marcado pelo tempo, equilibra-se, movimenta-se, cria arte da/na própria vida. Angel Vianna não se trata de um método, sistema ou pedagogia. É a própria vida Angel Vianna. Vivência Angel Vianna. Única. Frágil. Construída no tempo-espço, desafiadora de padrões. Humana. E, seguindo o conselho de Sant’Anna, se quiser conhecê-la, fique a vontade, qualquer dia desses, dê um pulinho ali em Botafogo.

REFERÊNCIAS:

BOAL, Augusto. Teatro do Oprimido e outras poéticas. 10 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

DELEUZE, Gilles. Como criar para si um corpo sem órgãos. In.:_____. e GUATTARI, Félix. 1995-1997. Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34.

DELEUZE, Gilles. Diferença e Repetição. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

LABAN, Rudolf. Dança Educativa Moderna. (tradução Maria da Conceição Parayba Campos). São Paulo: Ícone, 1990.

LARROSA, Jorge. "Notas sobre a experiência e o saber da experiência". Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002. Disponível em <http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE19/RBDE19_04_JORGE_LARROSA_BONDIA.pdf> Acesso em 12 mar. 2011.

LYOTARD, Jean-François. A condição pós-moderna. São Paulo: José Olympio, 2002.

MENDES, Tarcísio Moreira. ANGEL=EXPERIÊNCIA=ARTE=EDUCADORA=VIDA. In.: Do artista ao Educador e artista OU Do artista na sala e do educador no palco OU sobre uma vivência da arte. 2011. 87f. Monografia (Especialização em Teatro e Dança na Educação). Faculdade Angel Vianna, Rio de Janeiro. 2011.

VIANNA, Klauss. A Dança. São Paulo: Siciliano, 1990.

NOTAS:

A partir das discussões de Gilles Deleuze acerca do pensamento na filosofia, relação teoria e prática, considero, aqui, pensar uma prática, uma ação que cria o novo; novo não como sucessão ao velho, mas oposto ao rotineiro, ao previsível, ao ordinário. DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a Filosofia?* São Paulo: Editora 34, 1992.

² Qualquer definição acerca da existência de Angel Vianna seria incompleta, no entanto, para uma brevíssima introdução, uso o texto presente na página de sua Escola: "O nome de Angel Vianna está associado a anos de experiência profissional em diferentes institutos e centros de estudos do país como bailarina, coreógrafa, professora e pesquisadora em Dança. Com sua rica bagagem, Angel não se dedicou apenas ao seu "Centro de Estudos do Movimento e Artes". Angel investe o seu tempo na produção de cidadãos livres. Esse importante trabalho vem sendo reconhecido pela sociedade e tem se revelado através de Homenagens, Condecorações e Prêmios. <http://www.escolaangelvianna.com.br/novo/default.asp>. Acessado em 10/05/2012.

³ Klauss Vianna, mineiro, bailarino, pesquisador da dança, teatro ou da dança-teatro ou do movimento como arte. Junto a Angel Vianna, revolucionou a concepção do movimento como arte no Brasil. Considerado o criador do termo *expressão corporal*. Para saber muito mais que há para saber acesse <http://www.klaussvianna.art.br/>.

⁴Referência à música *Roda Viva*, de Chico Buarque. Disponível em < <http://letras.terra.com.br/chico-buarque/45167/>> Acessado em 14/03/2012.

⁵ Jerzy Grotowski, Antonin Artaud, Rudolf Von Laban e Augusto Boal são pesquisadores teatrais que passaram por guerras, internações em hospitais psiquiátricos, exílio político, influenciado, definitivamente, suas obras e suas artes.

⁶ Parâmetros Curriculares Nacionais. Documento que orienta a forma e os conteúdos que devem ser abordados pelas disciplinas no Ensino Fundamental e Médio no Brasil.

⁷ LYOTARD, Jean-François. A condição pós-moderna. São Paulo: José Olympio, 2002.

⁸ DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. 1995-1997. Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34.

⁹ Eu sei, mas não devia. Marina Colassanti. Disponível em <http://www.releituras.com/mcolasanti_eusei.asp> Acessado em 10/03/2012.

¹⁰ Grifo meu. Eu sei, mas não devia. Marina Colassanti. Disponível em <http://www.releituras.com/mcolasanti_eusei.asp> Acessado em 10/03/2011

¹¹Abecedário Deleuze. P de Professor (Parte 3). Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=hQ6f0KCInc8>. Acessado em 10/05/2012.

¹²Video Movimento Expressivo – Klauss Vianna. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=OQL4KKPQ6HE>. Acessado em 10/05/2012.